

LULA LÁ: ESTRUTURA E ACONTECIMENTO

Freda Indursky

RESUMO: *Ce travail examine l'inscription de l'énoncé discursif Lula Lá dans l'espace de la répétition, aussi bien que les effets de sens que cet énoncé met en scène, à chaque fois qu'il fait retour. Il analyse, en même temps, la rupture que cet énoncé produit avec le répétable, lors de l'élection présidentielle de 2002, au Brésil, quand l'événement historique qui est à la base de cette rupture a lieu. Ce travail cherche à déterminer les nouveaux effets sens produits par cet énoncé après la rupture avec la répétabilité. Cette analyse permet également d'observer comment structure et événement sont imbriqués dans ces mouvements du sens: pour qu'il y ait rupture il faut, d'abord, qu'il y ait répétition.*

PALAVRAS-CHAVE: *repetibilidade, estrutura, ruptura, deslocamento, deriva, acontecimento histórico, acontecimento discursivo, memória discursiva, enunciado discursivo*

*Repetir repetir – até ficar diferente.
Manoel de Barros*

*Como esqueço e lembro,
Como lembro e esqueço
Em correntezas iguais
E simultâneos enlacs.*

Carlos Drummond de Andrade

Freda Indursky é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

UM PONTO PARA COMEÇAR

Para iniciar minha reflexão, gostaria, de imediato, de lembrar uma questão importante que está diretamente envolvida com o que vou tratar neste texto: um discurso não existe de forma isolada, ele estabelece relações com outros discursos, no interior de domínios de saber, as Formações Discursivas (FD). Segundo Foucault (1972), uma Formação Discursiva se estabelece a partir de determinadas regularidades que definem as condições de existência, coexistência, transformação e desaparecimento de certos enunciados discursivos. Pêcheux (1975), por sua vez, afirma que o dizer de um sujeito inscreve-se, sempre, por identificação, em alguma Formação Discursiva que autoriza certos discursos e impede outros. Ou seja, o sujeito, ao produzir seu discurso, o faz afetado pela ideologia e pelo inconsciente e, por conseguinte, seu dizer inscreve-se, sem que ele perceba, em uma Formação Discursiva determinada, de onde não só ele retira os elementos de saber que se organizam no interior de seu discurso, como também e, sobretudo, ele se significa ao significar ou re-significar seu dizer.

Isto explica algumas noções caras à Análise do Discurso (AD): por um lado, ilumina o significado da noção de *repetibilidade* e, por outro, esclarece a noção de *estrutura*, tal como ela pode ser entendida quando o objeto de reflexão é o discurso. E mais: isto vem mostrar que, em Análise do Discurso, tais noções não existem isoladas umas das outras, mas elas formam uma rede de relações teórico-analíticas. No caso que aqui nos mobiliza, podemos verificar que os saberes pré-existem ao discurso de um sujeito; mais especificamente: a existência destes saberes é vertical e sua sede é a Formação Discursiva e, antes dela, o interdiscurso. Tais saberes são o que designo, acompanhando, para tanto, Foucault (1972) e Courtine (1981) de enunciados. Mais especificamente, denomino-os de *enunciados discursivos* (INDURSKY, 1997).

E o sujeito, como nos mostram Pêcheux e Fuchs (1975), afetado pelo esquecimento, ao apropriar-se destes saberes, o faz a partir da ilusão de que tais saberes se originam nele mesmo, quando, de fato, eles representam já-ditos que foram produzidos em outros discursos, em outros lugares, os quais são retomados de sua dimensão vertical, de-sintagmatizada, deslinearizada e inscritos no discurso do sujeito que, ao deles se apropriar, dá-lhes uma dimensão horizontal, sintagmatizada, ou seja, o sujeito lineariza esses saberes, os enunciados, em seu discurso, dando-lhes uma formulação própria, inscrevendo, dessa forma, seu discurso na *repetibilidade*. É o que sustenta o dito de Courtine e Marandin (1981, p.28): “*Os discursos se repetem, ou melhor, há repetições que fazem discurso*”.

A outra noção importante para a Análise do Discurso, em particu-

lar para a reflexão que vou aqui desenvolver, e estreitamente imbricada a esta primeira, é a noção de *estrutura*. Ou seja, os saberes, representados pelos enunciados, existem em uma estrutura, que tanto pode ser tomada em sua existência vertical quanto horizontal.

A *existência vertical dos enunciados* e sua capacidade de serem repetidos é explicada pela noção de *estrutura*. Os saberes pré-existentes ao discurso do sujeito encontram-se no interior de uma *estrutura vertical*, seja ela a FD que afeta o sujeito do discurso ou o interdiscurso. Dito de outra forma: ao inscrever seu discurso na *ordem da repetibilidade*, o sujeito produz um duplo movimento. Inicialmente retira seu discurso de uma *rede de formulações* pré-existentes (COURTINE, 1981) e, ato contínuo, re-inscreve seu dizer nesta mesma rede de formulações. Ou seja: os saberes originam-se na rede de formulações e a ela retornam, instituindo uma espécie de moto perpétuo ou, se preferirmos, um ciclo de repetibilidade.

Por outro lado, os saberes mobilizados pelo sujeito, em seu discurso, passam também a existir no interior de uma *estrutura horizontal* que corresponde ao intradiscurso, onde se encontra a formulação do sujeito, que consiste na forma que o enunciado tomou em seu discurso, após passar pelo processo de apropriação e sintagmatização. Vale dizer que o *enunciado* remete para a *existência vertical da estrutura* e a *formulação* para sua *existência horizontal*. E mais: a estrutura vertical sinaliza a existência anterior do enunciado, enquanto a formulação indica uma forma atualizada do referido enunciado.

Tudo quanto precede autoriza a compreensão de que tanto a existência vertical quanto a existência horizontal dos saberes remetem para a noção de *estrutura*. Isto nos permite afirmar que a repetibilidade mobiliza estas duas formas de existência da estrutura: sua dimensão vertical e sua dimensão horizontal. Dito diferentemente ainda: o discurso de um sujeito formula-se no cruzamento destas duas dimensões da estrutura, a vertical e a horizontal. Ou seja, o discurso de um sujeito, vale dizer, sua formulação, produz-se no ponto em que o interdiscurso encontra-se com o intradiscurso. E é neste momento que a repetição tem lugar. Poderia ainda, lembrando Pêcheux (1990, p. 17), afirmar que este cruzamento é “ponto de encontro de uma *memória* com uma *atualidade*”. Redizendo isto: este ponto de encontro é onde o enunciado, proveniente na estrutura interdiscursiva, pelo viés da repetição, é inscrito na estrutura do discurso do sujeito, no intradiscurso. E nesse ponto de encontro de uma memória (o interdiscurso) com uma atualidade (o intradiscurso) instaura-se o *efeito de memória*: os sentidos são rememorados, atualizados, re-significados.

Estou me referindo o tempo todo à *memória* e quero frisar, neste ponto, que memória, em Análise do Discurso, não é entendida como me-

mória individual, mas como um tecido social, constituído de “...sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social, inscrita em práticas” (PÊCHEUX, 1999, p.50). Desse entrecruzamento resulta o *efeito de memória*, que é fortemente lacunar, possibilitando que os sentidos deslizem, derivem, se transformem, se re-signifiquem. É assim que entendo *memória discursiva* e é nela que este trabalho vai apoiar-se para analisar o enunciado discursivo *Lula lá*.

O ENUNCIADO DISCURSIVO LULA LÁ E A MEMÓRIA

Tudo quanto precede indica que um enunciado, tal como este que vamos analisar, neste trabalho – *Lula lá* - faz trabalhar a *memória*. Vejamos isto mais de perto. O enunciado discursivo *Lula lá* inscreve-se em uma extensa rede de formulações que precede, de muito, o pleito que elegeu Luiz Inácio Lula da Silva presidente do Brasil. Esta rede antecede mesmo todas as eleições em que Lula foi candidato à presidência do Brasil. Esta rede de formulações está inscrita em uma memória social, de longa duração, a qual reúne enunciados sobre o comunismo. Trata-se de uma rede de formulações que antecede mesmo a circulação dos discursos sobre o comunismo no Brasil, pois nela identificamos enunciados que vêm de um discurso-outro, que circularam fora do Brasil. Mais especificamente, tomo, como *efeito de origem* desta rede de formulações, um recorte do pronunciamento do Papa Leão XI¹, em que o Sumo Pontífice afirma que “*o comunismo é intrinsecamente perverso*”.

Tomo este enunciado como *efeito de memória* que atravessa os tempos, marcando, no Brasil, de um modo geral, o repúdio aos comunistas por parte dos brasileiros e, por conseguinte, presidindo toda uma rede de formulações fortemente marcada por afetos e ressentimentos sobre o comunismo². Não vou retomar toda esta extensa estrutura vertical, mas, sobre isto, lembro, juntamente com Achard, que

“...um texto dado trabalha através de sua circulação social, o que supõe que sua estruturação é uma questão social, e que ela se diferencia seguindo uma diferenciação das memórias e uma diferenciação das produções de sentido...” (ACHARD, 1999, p.17)

Vou dar, pois, um salto no tempo e vou fazer um corte nesta rede de formulações, examinando algumas das formulações que circulam atualmente no Brasil, a propósito da esquerda:

¹ Este enunciado foi recortado do trabalho de Courtine (1981, p. 47), em que ele analisa o discurso da “mão estendida” dos comunistas dirigido aos cristãos. O enunciado em questão foi recortado por Courtine de uma alocução do Papa Pio XI, produzida no dia 19 de março de 1937.

² Sobre este imaginário dos brasileiros, pode-se ler *O PCB e a imprensa*, de Bethania Mariani.

a esquerda está na contramão da história
a esquerda é incompetente
a esquerda é burra
a esquerda não está preparada para governar o Brasil

Como é possível observar, a partir das formulações precedentes, não há mais, de forma explícita, uma *diabolização* do comunismo. Não há mesmo referência ao *comunismo*. Este “apagamento” é resultado da queda do muro de Berlim e do fim do comunismo real. Mas este aparente apagamento mostra que, no Brasil, apenas mudou-se o modo de nomeá-lo. Não fala-se mais de comunismo. Este “desaparece”, sendo substituído por uma outra designação, a *esquerda*. Estamos aí face a uma reformulação pelo viés da qual *comunismo* continua *ressoando*, produzindo um *efeito de memória* (COURTINE, 1981). Não há como ser diferente: ao ouvirmos *esquerda*, junto, ressoa *comunismo* e esta ressonância traz, de certa forma, mesmo que diluída, a diabolização que comunismo suscitava e, até certo ponto, ainda suscita. E isto nos leva a perceber que o desaparecimento da diabolização é apenas aparente. Dizendo diferentemente: desaparece a *diabolização* e, em seu lugar, permanece o *preconceito*, o *desafeto*, o *ressentimento* como vestígio. Senão vejamos. Já não se fala mais em *perversidade*. Agora, fala-se em *incompetência*. E, por traz desse deslizamento de sentidos, ressoa toda a *incompetência* do comunismo real. Ou seja: o comunismo foi incompetente nos países socialistas e o será no Brasil, caso os brasileiros pensem em eleger um governante comunista “oops”.... de esquerda. Aí está o *efeito de memória* fazendo ressoar saberes e afetos sobre o comunismo, projetando-os sobre a esquerda. Ou seja: tais saberes permanecem deslinearizados, ausentes do intradiscurso. Permanecem na estrutura vertical, no interdiscurso. Mas, mesmo ausentes, ressoam no intradiscurso e seu vestígio se presentifica no desafeto. Estamos face à memória discursiva, que faz ressoar, desde sua existência vertical, o *efeito de memória*. Trata-se, pois, de uma presença-ausente que, por isto mesmo, se faz presentir, mais que ouvir. E é este *efeito de memória* que permite afirmar que a *esquerda é burra* e que *não está preparada para governar*.

É este *efeito de memória* que se faz presente toda vez que um membro de um partido de esquerda, mais especificamente do PT, se apresenta como candidato, em qualquer nível. É o que ocorreu quando um candidato do PT concorreu pela primeira vez à Prefeitura de Porto Alegre. É o que sucedeu quando um candidato do PT apresentou-se pela primeira vez como candidato ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul³. E é o

³ A este propósito, pode-se ler o artigo *A análise do discurso e sua inserção no campo das ciências da linguagem*, publicado no *Cadernos do IL, Instituto de Letras, UFRGS, n. 20, dez., 1998*, onde analiso questões de *memória discursiva* referentes às eleições ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul, em 1998.

que ocorreu sistematicamente toda vez que Luiz Inácio Lula da Silva candidatou-se à presidência do Brasil. A cada vez, fizeram-se ouvir formulações do tipo:

*A eleição de Lula para a presidência do Brasil é inconcebível
É um absurdo imaginar um operário na presidência do Brasil
Lula é torneiro mecânico e nunca deveria ter deixado a fábrica,
que é seu lugar
Lula deve voltar ao sindicato, que é o que sabe fazer
Há um analfabeto querendo ser presidente do Brasil
Lula é despreparado para representar o Brasil no exterior
Lula não fala inglês. Como vai comunicar-se com mandatários
de países importantes?*

E o que são tais formulações, senão um conjunto de reformulações, vale dizer, de paráfrases discursivas do enunciado que tomamos como *efeito de origem* deste conjunto de formulações, os quais revelam o imaginário do brasileiro sobre o comunismo e sobre a esquerda. É possível perceber, ainda, que a demonização, nesta fase, cedeu seu lugar ao preconceito. Ou seja: estamos em pleno domínio das paráfrases discursivas, onde o sentido pode deslizar, sem desvincular-se de sua Formação Discursiva. Dizendo diferentemente: este conjunto de formulações sobre Lula representa um conjunto de reformulações de um enunciado anterior - *a esquerda é incompetente* - que, por sua vez, é uma paráfrase discursiva de *o comunismo é intrinsecamente perverso*. Ou seja: todas estas formulações fazem parte de uma rede de formulações que tem como *efeito de origem* a declaração papal e esta rede de formulações inscreve-se em uma mesma Formação Discursiva. As oscilações de sentido sinalizam que os sentidos deslizam, e se transformam, se re-significam; elas são indicativas de que o sentido não se cristaliza, pois, em sua circulação social, diferenças são produzidas, as quais são responsáveis pela instauração da diferença no seio da Formação Discursiva em que se inscrevem.

Dito ainda diferentemente: cada uma destas formulações, dispersas no tempo e no espaço, se tomadas isoladamente, uma a uma, em seu espaço e tempo de enunciação, remetem para diferentes estruturas horizontais, que indicam diferentes modos de dizer o comunismo, a esquerda e seus membros. Nesse caso, estamos face a uma dispersão no interdiscurso.

Mas, se tomarmos estas formulações, dispersas no tempo e no espaço, não mais isoladamente, mas como uma rede interdiscursiva de formulações, passamos para uma outra dimensão da estrutura. Nesse caso, estamos diante do que chamei anteriormente de estrutura vertical.

Trabalhar com a memória discursiva que cerca um enunciado

implica trabalhar com estas duas dimensões da estrutura. Ou seja: tomar *Lula lá* como materialidade discursiva a ser analisada implica trabalhar, ao mesmo tempo, com sua dimensão vertical e com sua dimensão horizontal. E mais: implica verificar a relação que vai se estabelecer entre o *efeito de memória* (a retomada de um já-dito), e o(s) efeito(s) de sentido que tal retomada desencadeia. Dito diferentemente: compete examinar os efeitos de sentido que tal enunciado estabelece com suas diferentes formulações, a cada vez que ele faz retorno.

Mas não é só *efeito de memória* que ocorre. Ao lado da retomada, da repetição que está implicada em cada formulação, podem ocorrer deslizamentos de sentido, os quais são responsáveis pela reorganização da *memória*. Esses movimentos, que conduzem ao retorno da memória, permitem, igualmente, estabelecer uma ruptura com a rede de formulações à qual o enunciado está relacionado e inaugurar uma nova rede de formulações. Ou seja, esse rompimento indica que o sentido derivou, tornando-se outro. Esta ruptura está na base do que Pêcheux designou de *acontecimento discursivo* (1990), o qual vem, segundo Pêcheux, “perturbar a memória” (1999), colocando-se na origem de novos dizeres e de novos sentidos. Segundo Pêcheux,

“...a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática, e prolonga-se, conjecturando o termo seguinte, em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa regularização e produzir retrospectivamente uma outra série que não estava, enquanto tal, e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior” (PÊCHEUX, 1999, p.52).

Quando um *acontecimento discursivo* sucede, instaura-se uma relação tensa tanto com a memória (que tenta inscrevê-lo na ordem da repetibilidade, tal como vimos nos parágrafos que precedem) quanto com o discurso novo, inaugural, que rompe com a ordem da repetibilidade, construindo um novo sentido possível para o enunciado. Ou seja: um acontecimento discursivo rompe com a inscrição na ordem da repetibilidade, mas não tem como apagar a memória, a ressonância do sentido-outro. Dito de outra forma: um acontecimento discursivo rompe com a ordem do repetível, instaurando um novo sentido, mas não consegue produzir o “esquecimento” do sentido-outro, que o precede.

Quando ocorre uma ruptura com a repetibilidade, uma nova ordem de repetibilidade se instaura, a qual é responsável pela reorganização da memória, pela organização de uma nova estrutura vertical, a qual neces-

sariamente mantém relações com a estrutura precedente, com a qual rompeu. Esta nova organização é responsável, de fato, pela reorganização da memória social.

O que nos sinaliza que a estrutura, ao mobilizar a *memória discursiva*, trabalha com o repetível, inscrito em um tempo de longa duração, enquanto que o *acontecimento discursivo*, trabalha com a ruptura do mesmo, com a instauração do novo, inscrevendo-se em uma outra espécie de tempo, de curta duração. Instituída a ruptura com o dizer memorial, abre-se um novo domínio de memória, em torno do qual outros dizeres irão inscrever-se, participando também de uma estrutura.

O ENUNCIADO LULA LÁ: REPETIBILIDADE E EFEITOS DE SENTIDO

Para melhor perceber este duplo jogo - da *estrutura* e do *acontecimento* - vou realizar a análise de um enunciado público que circula, através de diferentes formulações, há já muito tempo, mais exatamente desde que Luiz Inácio Lula da Silva postulou a presidência do Brasil, durante a campanha política de 1990. Refiro-me ao enunciado que se repete com regularidade, sobretudo durante o período da campanha eleitoral. Falo aqui do enunciado discursivo *Lula lá*, que circula em *outdoors*, jornais, panfletos, adesivos, *jingles*. Interessa-me examinar os efeitos de sentido que se instauram no processo discursivo em circulação em que este enunciado se inscreve, e faz retorno a cada campanha política: vale dizer: em 90, 94, 98 e 2002.

E mais: para a AD, é usual examinar o percurso de um enunciado discursivo e os efeitos de sentido que este enunciado vai produzindo, à medida que, em seu percurso, tal enunciado vai sendo mobilizado por diferentes sujeitos, inscritos em diferentes FD, participando, de fato, de uma rede de formulações heterogêneas. Enunciados semelhantes (*Lula lá*, *Olivio aqui* e ainda *Nem lá, nem aqui*) já foram objeto de análise. E, na análise que Solange Mittmann⁴ fez do percurso deste enunciado, foi possível perceber que, conforme o enunciado ia sendo mobilizado por diferentes sujeitos, inscritos em diferentes FD, ele não só ia produzindo diferenças de forma, mas também de sentido.

Não é o que nos mobiliza nesta análise, pois o que está em foco aqui é o mesmo enunciado – *Lula lá* - mobilizado em épocas diferentes no

⁴ Refiro-me ao texto “Nem lá, nem aqui”, de Solange Mittmann, publicado pela Sagra-Luzzatto, de Porto Alegre, no livro “Múltiplos Territórios da Análise do Discurso”, organizado por Freda Indursky e Maria Cristina Leandro Ferreira, em 1999.

interior da mesma Formação Discursiva. Vejamos, então, que efeitos de sentido tal enunciado mobiliza no imaginário social e que sujeito (ou sujeitos ?) o faz (fazem) circular.

Sem dúvida alguma, o efeito de sentido primeiro que este enunciado produziu foi um chamamento aos eleitores, funcionando como propaganda eleitoral, que pode ser parafraseado da seguinte forma: “*Vote em Lula*”. É preciso verificar quem mobiliza este enunciado. Parece-me que, num primeiro momento, é o próprio Lula, em um discurso, que convida seus eleitores e simpatizantes a nele votar. Mas, rapidamente, os eleitores de Lula assumiram este enunciado e passaram a utilizá-lo, na forma de adesivos, em seus carros e este *Vote em Lula* passou a produzir outros efeitos de sentido, tais como *Vote no candidato do PT*, *Vote no candidato do povo*, ou seja, era ainda uma propaganda eleitoral, só que agora veiculada pelos eleitores de Lula e, nesta nova condição, este enunciado passou a produzir outros tantos efeitos de sentido, que se associaram aos primeiros: *Vamos colocar Lula na Presidência do Brasil* ou ainda *Vamos levar Lula para Brasília* ou então *Vamos colocar Lula no Palácio do Planalto*. Ou seja, este enunciado, quando mobilizado pelos eleitores de Lula, por este sujeito coletivo, produz, por sua vez, um conjunto de enunciados que remetem todos ao mesmo sentido, produzindo, efetivamente, uma rede de formulações que se inscreve na mesma estrutura. Explico-me: não se trata mais de Lula pedindo votos ao eleitorado, mas de eleitores de Lula dirigindo-se a outros eleitores e dizendo: *eu e você, juntos, nós podemos colocar Lula lá*. Trata-se de uma interlocução entre sujeitos sociais, onde o leitor do adesivo é associado ao eleitor de Lula, neste uso de um *nós inclusivo* e de forte paixão política.

À medida, entretanto, que as campanhas foram se sucedendo e Lula sendo sucessivamente derrotado, certos efeitos de sentido foram sendo agregados a esta rede de formulações. Entendo que, em função das sucessivas derrotas, sempre chegando *quase lá* mas nunca atingindo efetivamente este *lá*, este lugar inacessível, designado por *lá*, passou a significar o lugar impossível e este enunciado *Lula lá* passou também a representar um sonho, um desejo, não só de Lula e de seu partido, mas de seu eleitorado, que transformou-se em um *sujeito coletivo*, fortemente *desejante*, cujo objeto de desejo começou a assumir o *efeito de sentido* de *inalcançável*, de *impossível*, de *inatingível* e *Lula lá* passou a representar este desejo, esta utopia, este impossível. Ou seja: *Lula lá* é o que o sujeito desejante almeja, em sua paixão política, mas nunca alcança, pois seu limite bate na utopia, no impossível de lá chegar. Pensar em *Lula lá* como utopia, entretanto, não apaga os demais sentidos a que antes me referi, mas, certamente a eles se agrega e, de certa forma, os reorganiza. Tais

formulações e tais efeitos de sentido se inscrevem na estrutura, vale dizer, adquirem o estatuto da repetibilidade, do dizível na formação discursiva em que este sujeito desejante se inscreve. Tais sentidos passam a fazer parte da memória desta discursividade.

LULA LÁ: DA REPETIBILIDADE AO ACONTECIMENTO

É assim que chegamos à campanha eleitoral de 2002 e assistimos ao retorno do enunciado *Lula lá*, de sua rede de formulações e de seus efeitos de sentido. E, com todos estes sentidos, chegamos ao segundo turno, mais precisamente ao dia 27 de outubro de 2002, à votação e à apuração dos resultados. E, à medida que as urnas iam sendo apuradas, começamos a perceber, naquela noite, que *Lula lá* não era mais um sonho, um objeto inalcançável de desejo, uma utopia, um impossível. E foi exatamente esta transformação, que levou da utopia à realidade, que produziu o *acontecimento*. Naquela noite de 27 de outubro de 2002 fomos testemunhas de um *acontecimento histórico* que clamava por discurso, que reclamava sentidos, por novos sentidos, sentidos ainda não ditos, desconhecidos. Tudo era, entretanto, muito novo, muito inusitado e a multidão se movia, se reunia, gritava, cantava. Comemorava e, ao mesmo tempo, lembrava.

Rememorávamos. Assistíamos a algo ainda não presenciado anteriormente, a algo ainda não nomeado na cena política brasileira. E este novo, este inusitado construía a ruptura com o mesmo, com a discursividade inscrita no repetível: um país que tinha sido sempre governado por bacharéis, por doutores ou militares, presidentes que representavam as oligarquias deste país, que representavam uma minoria dominante. E esta ruptura colocava, pela primeira vez, nesses 500 anos de história, na Presidência da República Federativa do Brasil, um filho do povo, um presidente sem instrução formal, que não possui nenhum diploma universitário, que atropela a língua em sua modalidade culta, que não fala nenhuma língua estrangeira, enfim, um operário, um torneiro mecânico que tem, em sua mão esquerda apenas quatro dedos, marcando, dessa forma, indelevelmente, sua origem operária. E mais: um nordestino que, longe de ser rico, é um retirante que migrou em um pau de arara para São Paulo e que passou fome. E, culminando tudo isto, um líder sindical, organizador de greves memoráveis que afrontaram a ditadura militar e que foi preso por desafiar a lei anti-greve então vigente no país, ditadura que veio justamente para “proteger o país do perigo vermelho, do comunismo”. Um homem que se chama apenas Silva. Veja-se a dimensão da ruptura operada na repetibilidade da história política do Brasil.

E esta ruptura certamente produz um *acontecimento discursivo* que penso poder analisar exatamente pelo viés do mesmo enunciado

discursivo *Lula lá*, de que nos ocupamos na seção anterior. Digo aparentemente, pois é preciso verificar se, de fato, trata-se do mesmo enunciado, pois se é o mesmo, não há ruptura, não há acontecimento discursivo. Como é possível perceber, estou, no momento, face a uma aparente contradição.

Antes, porém, faço uma breve retomada. Como é possível verificar por tudo quanto precede, *Lula lá* significava, nas análises efetuadas nas seções anteriores, *Vamos votar em Lula*, *Vamos eleger Lula nosso presidente e vamos colocá-lo em Brasília*, e, ainda, *Vamos levá-lo ao Palácio do Planalto*. Mas, tais efeitos de sentido, até 27 outubro de 2002, remetiam a uma exortação, uma tentativa de persuasão, uma sedução dos eleitores de Lula dirigida aos brasileiros, efeitos estes fortemente marcados ainda pelo clima do sonho, da utopia, do impossível, da paixão. Esta expressão do desejo utópico, porém, transformou-se, naquela noite de 27 de outubro, em algo concreto, refletindo o resultado das urnas. O objeto de desejo tinha sido alcançado, o impossível se tornara possível, o *Lula quase lá* transformou-se e re-significou-se em *Lula lá*, *Lula em Brasília*. A realidade ocupava o espaço da utopia. Como o próprio Lula disse, em seu primeiro pronunciamento, ainda naquele memorável 27 de outubro, tentando dar sentido a este acontecimento histórico que clamava por discurso, por linguagem, que reclamava sentidos, “*a esperança venceu o medo*”.

Estes novos sentidos produziram uma interrupção na repetição, uma ruptura na continuidade, ou, parafraseando e produzindo alguns efeitos de sentido: a esperança daqueles que necessitam de tudo, que de tudo estão privados e excluídos, que não têm emprego, que não têm casa, que não têm saúde, que não têm escola, que não têm alternativa, que não têm medo de *Lula lá*, em Brasília, no Palácio do Planalto, a esperança dos sem-voz foi capaz de vencer o medo daqueles que têm medo de *Lula lá*, na Presidência do Brasil, que têm medo deste homem despreparado, sem instrução, deste “*sapo barbudo*”, deste homem que pode apropriar-se da poupança dos brasileiros, que pode apropriar-se dos bens dos brasileiros, desse homem que pode promover a reforma agrária nos campos e a socialização de suas casas e bens, nas cidades.

Questiono, então: trata-se do mesmo enunciado *Lula lá*, mobilizado pela mesma Formação Discursiva e pelo sujeito eleitor de Lula, ou algo novo, sob a mesma forma – *Lula lá* – ocorreu, produzindo novos efeitos de sentidos que provocam uma ruptura na estrutura, mostrando que o objeto de desejo concretizou-se, tornou-se realidade, vale dizer, a utopia deu lugar ao possível?

De fato, entendo que estamos face a uma ruptura, a qual está na origem de um acontecimento discursivo. Vejamos como interpretar discursivamente tal fato. Podemos verificar que *Lula lá* mantém a mesma

forma lingüística, mas seu sentido deriva; não se trata apenas de um deslizamento, como sucedeu anteriormente, tal como foi constatado nas análises que realizamos na seção anterior. De modo que estamos face à mesma forma lingüística, mas não mais frente ao mesmo sentido, o que indica que a *materialidade discursiva* não é mais a mesma e, se a materialidade não é a mesma, não se trata do mesmo enunciado discursivo, analisado anteriormente, cujo efeito de sentido era *Lula quase lá* e não, como ocorre presentemente, em que o efeito de sentido constatado é *Lula no Palácio do Planalto*. Ou seja: a forma do enunciado é a mesma, mas seu sentido derivou, rompeu com o *quase lá* e produziu um novo efeito de sentido: *chegou lá*.

Neste ponto, cabe lembrar que, na campanha de 2002, um novo enunciado passou a circular ao lado do permanente *Lula lá*. Refiro-me a *Agora é Lula*. É interessante salientar que um enunciado isolado de suas circunstâncias nada pode, mas, dentro da conjuntura em que Lula foi eleito presidente, *Agora é Lula* chega a soar profético, como que antecipando, pelo viés da paixão, o acontecimento. Neste sentido, gostaria de conjugar ao enunciado *Lula lá* o enunciado *Agora é Lula*, para marcar a deriva dos sentidos deste enunciado, deriva que levou *Lula lá*, cujo efeito de sentido é *Lula quase lá* para *Lula lá*, cujo efeito de sentido é *Agora é Lula*. Vê-se, pois, que, na ordem do discurso, à mesma forma lingüística podem estar associados dois efeitos de sentido diversos. Estamos, pois, face a uma ruptura que é feita sobre a deriva dos sentidos, a partir de uma mesma forma lingüística que produz duas materialidades discursivas diversas.

LULA LÁ: SILÊNCIO, MEMÓRIA E ACONTECIMENTO

Falta, no entanto, examinar mais de perto como se dá esta passagem. Para tanto, dispomos das imagens que jornais, revistas e TVs registraram durante aquele dia, antes, durante e depois de concluída a apuração. Vou deter-me um pouco nelas. E faço isto acreditando que um acontecimento histórico pode ocorrer sem que haja um discurso que lhe seja associado de imediato. Dito diferentemente: não tenho dúvida de que o que ocorrera naquela noite é um acontecimento histórico. Também não tenho dúvida de que o enunciado discursivo que analisei mais acima está inscrito tanto na repetibilidade quanto na ruptura. Entretanto, entendo que um acontecimento histórico clama por sentidos que o discursivizem. Mas, para que estes novos sentidos comecem a ser formulados, é preciso que haja um espaço de respiração, que haja silêncio, “onde silêncio não é falta de palavras” (ORLANDI, 2001, p.129). Somente uma imersão no silêncio torna possível a discursivização de um acontecimento histórico, transfor-

mando-o em acontecimento discursivo. Ainda tomando as palavras de Orlandi (2001, p.128),

“assim se apresenta a relação entre palavra e silêncio: a palavra se imprime no contínuo significante do silêncio e ela o marca, o segmenta, e o divide em sentidos discretos...”
(ORLANDI, 2001, p.128)

Deste modo, entendo que memória e silêncio se fazem presentes e antecedem a elaboração simbólica, marcando fortemente as relações entre a emoção e os indivíduos, entre o afeto e o político, demarcando claramente o intervalo que separa o acontecimento histórico do acontecimento discursivo, separação que precede a discursivização do acontecimento, a produção de sentidos. Mas, é justamente nesse intervalo entre o acontecimento histórico e sua discursivização que as imagens assumem uma importância substantiva para este trabalho. E, para sustentar o que estou afirmando, apoio-me em Pêcheux, que afirma que

“...a negociação entre o choque de um acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória *poderia* [...] colocar em jogo [...] *uma passagem do visível ao nomeado*, na qual a imagem seria um operador da memória social, comportando, no interior dela mesma, um programa de leitura, um *percurso escrito discursivamente em outro lugar*”
(PÊCHEUX, 1999, p.51) (Os destaques são meus).

Observando cenas de multidão que foram filmadas naquele dia e que foram mostradas repetidas vezes, ainda naquela noite e no dia seguinte, pode-se observar justamente isto: num primeiro momento, face à grande singularidade daquele acontecimento histórico, abriu-se um espaço para imagens, somente imagens, sem formulações. É, pois, imperioso observar tais imagens, pois a multidão é o espaço onde aquele sujeito deixa fluir sua afetividade, deixa explodir sua paixão pelo acontecimento que o emocionou. Olhando o rosto de algumas pessoas, percebi estampada a emoção, a felicidade, o olhar confiante, a alegria transbordante. O povo, por fim, havia recuperado a crença. E, no meio da multidão, impressionou-me, sobremodo, a figura de uma mulher, tipicamente do povo, traços marcados, trazendo à cabeça uma bandana vermelha com as estrelas brancas do PT e nome de Lula, impresso na frente. Esta mulher não conseguia se conter. Ela erguia o braço direito e gritava repetidamente o nome de Lula. Mas não era uma questão de tietagem. Era a paixão que a movia. Era alguém que precisava ser vista e ouvida por Lula. E, então, continuava a gritar fortemente até que seu olhar se cruzou com o dele e ela se aquietou. Ele tinha olhado para ela. Tinha acenado, tinha sorrido. Era suficiente. E isto me conduz aos novos efeitos de sentido que *Lula lá* continuava produzindo.

do. Enquanto acontecimento discursivo, *Lula lá / Agora é Lula* também passou a significar *o povo lá, o povo na presidência*. Por conseguinte, *Lula lá* abre espaço para que se produza mais um efeito de sentido: *Lula lá* significa *nós vencemos!*, *nós chegamos lá, nós chegamos à Brasília! Nós chegamos ao Palácio do Planalto* ou, ainda, *Agora é Lula* passa também a significar *Agora, somos nós*, enunciado que circulou em carta aberta de José Dirceu, na internet. Ou seja: o povo, ao identificar-se com o presidente eleito, nele se reconhece. Reconhece que ele é povo e, por conseguinte, se Lula, que é povo, chegou lá, o povo, por seu intermédio, também chegou lá. Vale dizer: um excluído, ao ser eleito, leva consigo os demais excluídos, que nele votaram, para Brasília e *Lula lá* passa a produzir o efeito de sentido de *o povo lá, o povo em Brasília*, ou seja, *Lula lá* produz o efeito de sentido de *chegamos lá, o candidato do povo chegou lá, o povo chegou lá!* As imagens daquela multidão me permitiram visualizar a paixão e a emoção que pulsavam naquela hora que ainda era só lembrança/comemoração.

Naquela noite, na multidão, a memória fazia-se fortemente presente, rememorando as sucessivas e amargas derrotas sofridas nos pleitos anteriores. Mas a lembrança mesclava-se à comemoração da vitória. Lembrança (do já-vivido, já-sofrido, do sentido já-lá) e comemoração (da vitória, do novo) estavam, pois, fortemente entrelaçadas naquele momento em que a emoção se apoderava de todos os sujeitos ali reunidos que se confundiam/uniam na massa indistinta da multidão para lembrar e comemorar. Isto permite afirmar que a memória entrelaça inextricavelmente repetibilidade e acontecimento. Entretece definitivamente os sentidos já-sabidos e os novos sentidos. Imbrica indelevelmente a estrutura e o acontecimento.

DO ACONTECIMENTO HISTÓRICO AO ACONTECIMENTO DISCURSIVO

De tudo quanto precede, podemos ver que começamos a fazer trabalhar um acontecimento histórico quando ele começa a ser discursivizado, ou melhor, quando dizeres sobre ele começam a ser formulados e estes começam a produzir sentidos. O acontecimento passa a ser trabalhado pela atualidade que faz retorno sobre a memória. Diria que, de certa forma, o acontecimento histórico em análise passou a ser discursivizado antes mesmo de sua ocorrência. É o caso do enunciado que analisamos – *Lula lá* –, mas também o do enunciado que juntou-se a ele, nesse ano de 2002, *Agora é Lula*. Estes dois enunciados, associados, de certa forma, anteciparam os sentidos, mesmo que na ordem da utopia. Eles construíram este acontecimento discursivo e reorganizaram a memória so-

cial sobre a questão das eleições presidenciais no Brasil.

A discursivização deste acontecimento histórico passou a realizar-se, ainda naquela noite, pelo viés da imprensa falada (TV e Rádio), pelas manifestações dos analistas políticos e, no dia seguinte, pelas matérias, comentários, artigos, chamadas, manchetes da imprensa falada e escrita, no Brasil e no mundo. E é este movimento de atribuir sentidos a este acontecimento histórico que passo a analisar, a seguir, tomando, para tanto, algumas formulações publicadas pela imprensa escrita nacional e estrangeira do dia seguinte, 28 de outubro de 2002. Início com dois títulos de colunas e sigo com algumas manchetes que circularam na imprensa escrita brasileira.

Nova era, novo Lula (F. S. P.⁵ – Fernando Rodrigues)

Brilha uma estrela (F. S. P. – Maria Vitória Benevides)

De Lula a Luiz Inácio da Silva (F.S.P - Brasílio Salem Jr.)

Metalúrgico é o primeiro líder de esquerda a ser eleito no País
(F.S.P.)

Ex-torneiro mecânico Luiz Inácio Lula da Silva chega à Presidência da República (F.S.P)

Lula anuncia que encaminhará pessoalmente as reformas (Estado de São Paulo)

Como é possível perceber, tanto os títulos dos colunistas, quanto as manchetes e chamadas fazem trabalhar o acontecimento histórico, trabalhando os novos sentidos a partir dos sentidos que sempre foram produzidos a propósito das pretensões eleitorais de Lula, mas estes sentidos, agora, aparecem transformados, mostrando que o que, antes, era tido como impossível pela “inteligência política” do país, o que antes era tido como uma utopia pela massa dos brasileiros, agora é colocado em outro sítio de significância, fazendo soar novos sentidos, os quais fazem ressoar os sentidos já-postos. Estamos face ao trabalho do discurso sobre o discurso, do trabalho dos sentidos sobre os sentidos. Vale dizer: o acontecimento discursivo faz trabalhar a memória do dizer, a estrutura, o repetível, provocando um reordenamento no que pode ser dito: o que antes era da ordem do não-dito, do impensável aparece, agora, como o que pode/deve ser dito.

Desejo fazer um breve comentário sobre estas seqüências discursivas (SD). Início pelas duas primeiras SD que são, de fato, o título de duas matérias assinadas. Ressalto que elas vêm ainda mergulhadas na emoção, na paixão que dominou o povo. Esta paixão se reflete na idéia de *nova era*, de *novo Lula* e de *brilha uma estrela*. Já as demais SD passam

⁵ Pela sigla F.S.P indico a Folha de São Paulo.

da modalidade da paixão para a enunciação racional do acontecimento político. Ou seja: a discursivização do acontecimento histórico é marcada não só pela razão, mas também pela emoção. Alguns poderiam pensar que esta dupla modalidade do acontecimento discursivo é uma marca exclusiva da imprensa brasileira. Mas não foi o que sucedeu, como podemos verificar nas SD que seguem, registradas na imprensa internacional.

Com Lula, a esquerda chega pela primeira vez à presidência do Brasil (Le Monde - Paris)

A eleição de Lula suscita a esperança popular (Le Monde - Paris)

O Brasil se oferece a Lula (Libération - Paris)

O Brasil elege seu primeiro presidente de esquerda (The Guardian – Londres)

Lula anuncia o início de uma “nova era” para o Brasil (El Mundo – Espanha)

Lula eleito com votação histórica (Público – Portugal)

Lula triunfa: em virada histórica, será o primeiro presidente de esquerda (La Stampa – Itália)

Esquerdista vence habilmente a disputa para a Presidência do Brasil (The New York Times)

Lula arrasou (Clarín – Buenos Aires)

Histórica virada do Brasil à esquerda: Lula ganhou (La Nación – Buenos Aires)

Estas manchetes da imprensa internacional continuam a fazer trabalhar os sentidos, neste novo sítio de significância, participando também da construção deste acontecimento discursivo. Examinando-as, é possível perceber que algumas delas inscrevem-se na pura emoção, na paixão da comemoração: é o caso de *Lula arrasou*, manchete do jornal argentino Clarín; de *O Brasil se oferece a Lula*, do periódico de esquerda francês Libération. Outras, como *O Brasil elege seu primeiro presidente de esquerda*, do inglês The Guardian, parecem voltar à imagem ilusória de objetividade que a imprensa tem de si mesma. Outros, ainda, conseguem aliar a comemoração à pretensa objetividade. É o caso, por exemplo, do italiano La Stampa: *Lula triunfa: em giro histórico, será o primeiro presidente de esquerda*. Seja com paixão, seja com distanciamento, vemos, através destas manchetes, o processo de discursivização do acontecimento histórico sendo feito.

De todas estas manchetes, há uma sobre a qual vou me deter um pouco mais. Trata-se da manchete do New York Times, que retomo, agora, em inglês: *Leftist handily wins brazilian presidential race*. E retomo-a

porque há nela algo que me chamou a atenção. Refiro-me ao uso do advérbio *handily*, que significa *muito a propósito, a seu favor, convenientemente, habilmente*. O uso deste advérbio, que modifica o sentido do verbo vencer, traz um tom um pouco diferente à discursivização de que estamos tratando aqui. Senão, vejamos: se não fosse a presença deste advérbio, esta manchete certamente se encaixaria entre aquelas que pretendem fazer com objetividade a enunciação de um evento político: *um esquerdista vence as eleições presidenciais brasileiras*, não se distinguindo das demais, que pretenderam produzir uma enunciação objetiva do acontecimento político aqui em análise. Mas este não é o caso. Seria ela então uma manchete do tipo comemorativo? Também não! Dizer que *alguém venceu habilmente as eleições* certamente não parece ser da ordem da comemoração. Estamos aí face a um tipo de afeto diferente daquele que vimos nas manchetes que deixavam a paixão transbordar. Este é um tom pejorativo, um tom de menosprezo: *vencer estas eleições não é tão importante assim!* Mas este não é o único efeito de sentido que dela se depreende, pois o radical deste advérbio é *hand, mão*, ou seja insinua-se aí um tom malicioso: *a vitória foi manipulada, foi ardilosa*. Estes são os efeitos de sentido que esta seqüência discursiva propõe, os quais são decorrência do afeto negativo, quase beirando o despeito, que é mobilizado pelo jornal em questão, um afeto que busca sutilmente desqualificar ou, pelo menos, diminuir o impacto desta vitória. Diria que esta forma de menosprezo busca, pelo menos, minimizar o acontecimento histórico.

Fazendo contraponto a esta manchete do New York Times, entram algumas outras que ressaltam justamente o acontecimento histórico: é o que sucede com as manchetes do português Público, que refere a *votação histórica*; do La Stampa, da Itália, que salienta a *virada histórica*; da mesma forma que o argentino La Nación, que sublinha a *Histórica virada do Brasil à esquerda*. Ou seja: estamos face ao acontecimento discursivo, à construção de um novo sítio de significância, onde o que antes nunca tinha sido possível de dizer, agora está sendo enunciado, constituindo uma nova rede discursiva de formulações. E, ao mesmo tempo, vemos que estes dizeres não se inscrevem todos na mesma posição-sujeito. A comparação feita acima indica que esta discursivização é feita de diferentes lugares sociais, os quais manifestam diferentes formas de subjetivização.

Há ainda mais uma comparação que desejo fazer. Ela se estabelece entre o conjunto de manchetes brasileiras e internacionais. Aí também podemos ver como aspectos diversos são discursivizados. Enquanto a imprensa internacional, quase por unanimidade, coloca ênfase no fato de que um presidente de esquerda foi eleito por vez primeira no Brasil, a imprensa nacional salienta que este presidente foi um torneiro mecânico, um

metalúrgico, sobrepondo sua condição de operário ao fato de ser de esquerda, priorizando a exceção e apagando o evento político. Ou seja: enquanto a imprensa internacional elege o acontecimento político como tema de sua enunciação, a imprensa nacional destaca o fato inusitado, revelando seu preconceito político e sinalizando que se identifica com a elite que sempre presidiu o Brasil. É deste lugar que enuncia a eleição de Lula e o tom que sua enunciação evoca vai do preconceito ao ressentimento. Mais uma vez, percebemos que o acontecimento histórico está sendo discursivizado diferentemente aqui e no exterior. Vale dizer: ele está produzindo efeitos de sentido diferentes, o que mostra que este evento político, ao ser discursivizado por diferentes subjetividades, produz diferentes efeitos de sentidos.

O ACONTECIMENTO DISCURSIVO, OS EFEITOS DE SENTIDO E A MEMÓRIA DISCURSIVA

Tudo quanto precede sinaliza que a *estrutura*, ao mobilizar a *memória discursiva*, trabalha com o repetível, inscrito em um tempo de longa duração, enquanto o *acontecimento discursivo* trabalha, a um só tempo, com a ruptura do mesmo e com a instauração do novo, inscrevendo-se em uma outra espécie de tempo, de curta duração. Instituída a ruptura com o dizer memorial, abre-se um novo domínio de memória, em torno do qual novos dizeres irão inscrever-se, participando desta nova estrutura. Estamos diante do encontro entre sentidos já postos, presentes na estrutura, com novos sentidos que são produzidos a partir desse acontecimento histórico que reclama sentidos, que pede interpretações, os quais, ao serem discursivizados, o ressignificam.

Tal fato mostra igualmente que um enunciado inaugural, como o que analisamos, aqui, faz trabalhar a *memória*, reorganizando-a, de tal modo que *sapo barbudo*⁶ transforma-se em *príncipe encantado* ou, se preferirmos uma versão moderna do príncipe encantado, o *sapo barbudo* transmuta-se em *presidente do Brasil* ou, ainda, em *Doutor Honoris Causa*, título que algumas Universidades apressaram-se em outorgar-lhe, como que buscando, com este título, tal como faria a varinha de condão da fada madrinha, suprir o diploma universitário que o novo presidente não possui.

⁶ Encontrei a expressão “sapo barbudo”, pela primeira vez, em uma carta do leitor, publicada na Veja, após Lula ter sido derrotado por Collor. O leitor suspirava aliviado, pois, dizia ele, os brasileiros não teriam mais de passar pelo tormento de eleger um sapo encantado, pensando ter elegido um príncipe e, na manhã seguinte à eleição, ao beijar o sapo encantado, em busca do príncipe, ter o desprazer de se deparar apenas com um sapo barbudo. A segunda vez que encontrei esta expressão, ela estava sendo empregada por Leonel Brizola, referindo-se ao candidato Lula, como um “sapo barbudo”.

Estamos face a uma série de deslizamentos que vão transformando certos sentidos, deslocando-os de um “sítio de significância” (ORLANDI, 1993, p.15) para outro.

Esses movimentos dos sentidos e da memória permitem constatar com clareza que uma perturbação muito forte foi instituída nos sítios de memória, passando-se de *Lula não tem competência para governar, Lula é despreparado para presidir o Brasil* para os elogios tecidos ao *Programa Fome Zero* e à montagem da equipe econômica. Vale dizer: uma ruptura em relação a uma série de formulações produziu-se e instaurou-se um novo sítio de significância, a partir do qual uma nova *rede discursiva de formulações* (COURTINE, 1981) vai instituir-se. Ou seja, esse acontecimento discursivo está na origem de novos dizeres em torno do enunciado inaugural que examinamos. É preciso sublinhar que esta nova rede de formulações mantém uma relação tensa tanto com a memória recente quanto com a memória remota, estabelecendo, dessa forma, novas relações com a estrutura.

PARA CONCLUIR

O enunciado discursivo *Lula lá*, como vimos ao longo deste trabalho, inscreve-se tanto na estrutura quanto no acontecimento. E é ancorado sobre os já-ditos, cujos sentidos são mobilizados, que se faz a ruptura, instituindo o acontecimento. Por conseguinte, para que haja ruptura é preciso que haja antes estrutura, repetição. Não se trata aqui de pensar em um apagamento dos sentidos já-lá. Não se trata tampouco de optar pela estrutura ou pelo acontecimento. Ao contrário. Ambos têm seu funcionamento próprio e distinto. Sem estrutura não há acontecimento e a ruptura não implica o apagamento da memória. Se houvesse apagamento, não haveria a possibilidade de construção de uma memória social. É a permanência dos já-sabidos que possibilita que sentidos outros ressoem, mesmo quando sentidos novos se fazem ouvir. No caso em estudo, o enunciado *Lula lá* produz os sentidos novos - *Lula Presidente, Lula em Brasília* - ao mesmo tempo que faz ressoar *sapo barbudo, despreparado, analfabeto, torneiro mecânico, metalúrgico*. O acontecimento discursivo é, pois, decisivo para que novos sentidos se façam ouvir, mas ele não possui o poder de fazer calar, de apagar a memória dos sentidos antes já-lá. Poderíamos dizer então que *estrutura* e *acontecimento* constituem duas instâncias contemporâneas e paralelas, porém, com funcionamentos diversos. A estrutura faz ressoar os dizeres inscritos na memória social; o acontecimento instaura a possibilidade de romper com a repetibilidade dos sentidos já-lá da memória e abrir espaço para a produção de novos dizeres. Por conseguinte, *Lula*

lá representa o lugar em que se cruzam os dizeres memoriais com os dizeres inaugurais. Este cruzamento é pontual. Passado este instante fugaz, instaura-se um novo sítio de significância, em co-existência com o anterior, o qual se constitui em um espaço discursivo para a construção de uma nova estrutura, para a elaboração de uma nova rede discursiva de formulações. Diria então que o enunciado *Lula lá* convoca estes dois sítios de significância, esses sentidos em confronto. *Lula lá* se constituiu, pois, em um espaço de interpretação aberto à disputa dos sentidos, à movimentação dos sentidos. Movimentação esta que, ao que tudo indica, está longe de se esgotar... Mas, isto já remete para um outro momento e não anula o acontecimento histórico e discursivo que aqui analisei. Este acontecimento, hoje, já faz parte de nossa memória social e política.

BIBLIOGRAFIA

- ACHARD, Pierre (org). *O papel da memória*. Campinas, Pontes, 1999.
- COURTINE, Jean-Jacques. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyses du discours. *Langages*, n. 62, p. 9-127, juin, 1981.
- _____. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, Freda ; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (org). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre, Sagra-Luzzatto, 1999. (Col. Ensaios, 12).
- COURTINE, Jean-Jacques ; MARANDIN, Jean-Marie. Quel objet pour l'analyse du discours? In: CONEIN, Bernard et alii. *Matérialités discursives*. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1981.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Petrópolis, Vozes, 1972.
- INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1997.
- INDURSKY, Freda & LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. *Os Múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre, Sagra-Luzzatto, 1999.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa*. Rio de Janeiro, Revan, Campinas, Ed. da UNICAMP, 1997.
- ORLANDI, Eni P. E vão surgindo sentidos. In: ORLANDI, Eni P. (org.) *O discurso fundador*. Campinas, Pontes, 1993.
- _____. *Discurso e texto*. Campinas, Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. *Les vérités de la Palice*. Paris, Maspéro, 1975. Trad. Bras. Semântica e discurso. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1988.

- ____. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes, 1990.
- ____. Le rôle de la mémoire. In: ACHARD, Pierre; Gruenais, D.; JAULIN, D. (orgs). *Histoire et linguistique*. Paris, Ed. CNRS, 1985. Trad. Bras. O papel da memória. Campinas, Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours. *Langages*, n. 37, p. 7-80, Paris, mars 1975. Trad. Bras. GADET, F. ; HAK. T. (org). Por uma análise automática do discurso. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1990.